

O PADRE QUINDERÉ

Raimundo Girão

No ano de 1982, que vai iniciar-se, marcando outra divisão do infinito suceder dos tempos, alguns cearenses ilustres terão celebrado o seu primeiro centenário de nascimento. Entre outros: Padre José Quinderé, Eduardo Henrique Girão, José de Abreu Albano e Manuel Tibúrcio Cavalcânti.

Eduardo Girão e José Albano no mesmo dia 12 de abril, Tibúrcio Cavalcânti a 24 de dezembro e Quinderé em 1º de janeiro, dia consagrado aliás a ilusória confraternização dos povos. Eduardo Girão, jurista, pensador e homem público. José Albano, o genial poeta cearense. Tibúrcio Cavalcânti, engenheiro, exemplo de dignidade militar, tendo sido Prefeito deste Município de Fortaleza.

José Quinderé, mais exatamente José Alves Quinderé, é nome que ainda não saiu, nem sai, das boas querenças desta cidade, resultantes da maneira cativante de externar-se, de comunicar-se com todo mundo, com a sua verve fascinante, os seus gracejos oportunos e o seu invencível repentismo.

Nasceu na cidade vizinha de Maranguape, filho do araca-tiense João Gualberto Quinderé, que foi ourives e músico, católico fervoroso, irmão do Santíssimo, e de Josefa Pinheiro Muniz, baiana do Juazeiro do São Francisco. Foi o pai diversas coisas e andou por lugares diversos, até que chegou, de muda, à terra de Capistrano de Abreu e Braga Montenegro, trazendo a família toda, além de três sobrinhos da mulher e o velho Trajano, seu antigo servidor.

“Em Maranguape, termo da jornada (vindos do Tauá) foi acolhido pelo coronel Tibúrcio Cavalcânti que lhe deu uma

casa para morar, sob cujas telhas eu nasci. Por gratidão, foram meus padrinhos esse seu protetor e sua senhora, d. Domitília Girão, irmã do Prof. Eduardo Girão” são palavras suas no seu livro **Reminiscências**, que transcrevo para salientar que o cel. Tibúrcio e d. Domitília eram os meus avós maternos. Faço-o não por vaidade, mas para dar a estas minhas letras a marca de afeto que, com o passar dos anos, nos ligou, reforçado com a vera estima ao professor, que ele me foi no tradicional Liceu do Ceará, na Praça dos Voluntários. Entrou por meio de concurso e, se porventura não era um grande latinista, ensinava com acerto, bondade e dedicação a língua em que falou Cícero. “Na cátedra ensinei com energia o que sabia, fazendo com que os alunos aproveitassem, tirando deles o mais que podiam dar” escreveu no seu livro de memórias. E acrescenta: “Como examinador procurava ser benevolente, não via o aluno mas os pais, cuja maioria mantinha com sacrifício os filhos no estudo.” Parece que nunca reprovou ninguém...

Recebeu as ordens sacerdotais em 1904, no Seminário de Fortaleza, e, de tão pobre, teve a sua sustentação mantida generosamente pela Irmã Gagné, Superiora do Colégio da Imaculada Conceição, a quem nunca deixou de confessadamente ser agradecido. Exerceu várias funções eclesiásticas e a de secretário do santo Bispo D. Joaquim José Vieira, sobre cuja vida, posteriormente, publicou mimosa plaqueta. Outras obras deu à publicidade do melhor valor e caráter religioso.

E foi a Martins Filho e a mim que deveu iniciar-se como escritor. Preparávamos o livro **O Ceará**, hoje em 3a. edição, e tínhamos necessidade de quem pudesse escrever, para nele figurar, um resumo da História Eclesiástica cearense. Convidado, re-lutou, aceitou e presenteou-nos, e à cultura do nosso Estado, um trabalho indiscutivelmente primoroso. Daí, costumava acentuar, tomou gosto pela arte de escrever, e foi isto fato muito auspicioso para as nossas belas-letras. As suas **Reminiscências**, já em nova edição, mostram evidentemente a finura, a precisão, a graça do que põe em letra de forma.

Ninguém nesta Cidade do Pajeú gozou de tanta afeição popular como o maranguapense Quínderé: por onde passava, onde parava recebia as mais carinhosas demonstrações de especial e meiga atenção. A sua eterna jovialidade, a sua espon-

taneidade, a sua alegria, o seu sorriso eram a causa natural desse efeito de simpatia geral. Frequentava as residências, corredor adentro, das melhores famílias ricas ou pobres, como pessoa de casa, e jamais alguém duvidou da lisura dos seus procedimentos morais e das suas virtudes de clérigo. Certa vez, para fazer gracejo, perguntaram-lhe se ele era um sacerdote sério, e a resposta foi: “sério eu sou, não sou é sisudo”.

Amigo leal da família do Comendador Nogueira Acióli, Presidente do Estado durante muitos anos, recebeu de “presente” uma cadeira de deputado à nossa Assembléia Legislativa. Foi eleito e soube honrar o mandato. Ele próprio afirma: “Fui deputado, sem conhecer um eleitor, e também jamais qualquer deles me procurou para tratar de interesses pessoais. Os chefes é que defendiam junto ao governo as pretensões dos seus correligionários”. Mudaram as coisas, hoje, neste ponto?

Em torno de sua personalidade, assim de coração sempre aberto e lábios sempre em sorriso, criou-se verdadeiro anedotário, com historietas, piadas e repentes espirituosos, uns dele mesmo e outros que de verdade não eram. Igual a ele, neste particular, só talvez o Quintino Cunha, cuja caixa de pilhérias e “respostas” nunca se esgotou.

Viveu assim, bricalhão, alegrando os outros, mas a certa altura de sua existência, e após repetidas viagens ao Sul, procurando os mais afamados oftalmologistas do País, ficou totalmente cego, porém tal infelicidade não o amofinou. “A cegueira não me surpreendeu, porque o mal que a produziu veio silencioso, sentindo-lhe os efeitos mas sem qualquer dor. Não considero castigo viver nas trevas. É mercê com que Deus me favorece como um meio fácil de santificação. A conformidade com a vontade divina é um dom que aligeira o peso da cruz, como o Cirineu a Jesus no caminho do Calvário” está no fim de suas aludidas **Reminiscências**.

Como soube viver, vendo e revendo, andando e viajando, tendo aos olhos as fisionomias das pessoas e as belezas das paisagens, também soube portar-se na adversidade, sem reprimir, sem os ímpetos da mais mínima revolta íntima. Os olhos sem a visão física deram-lhe a grandeza da visão espiritual, tornando-o, eu creio, mais forte do que quando enxerga-

va, sentindo as refulgências da luz. Vejam-se estas palavras dele: “Debruçado à janela do coração, vejo com os olhos do espírito refletidos no espelho da memória, melhor que os olhos do corpo, todos os conhecidos, nem mais velhos nem mais bonitos, nem mais feios, tal como os deixei quando exergava”.

Homens como o padre Quinderé são raros e raros os que como ele ficam indelevelmente gravados na alma de sua gente, a cada hora o relembrando ou repetindo o seu nome. Já lhe deram a denominação de uma rua da Cidade, porém ele merece muitas melhores homenagens, como seria a sua caracterização material, num bronze da praça pública, a fim de que todos tivessem, ao vê-lo, a impressão de que não morreu nem no corpo. Deus queira não passe em branco este 1º Centenário de seu nascimento. O verdadeiro mérito não se apaga e, aqui, não tem cabimento a sentença da Le Rochefaucauld de que o mundo recompensa mais as aparências do mérito do que o próprio mérito.